

TROCAS CULTURAIS: AS REPRESENTAÇÕES DO NEGRO NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL CUBANA

Suely da Fonseca Quintana¹

O objetivo desse trabalho é analisar a maneira pela qual os negros são representados na Literatura Infanto-Juvenil cubana. O negro teve uma participação importante na constituição da identidade cultural de Cuba, é preciso, portanto, estabelecer em que medida ele aparece nessa forma literária, dedicada aos jovens leitores, tendo em vista que a Literatura Infanto-Juvenil é amplamente utilizada pelo sistema educacional cubano, como parte formadora da cultura socialista do cidadão.

De acordo com os estudos antropológicos e culturais de Fernando Ortiz, a raça negra tem em Cuba algumas peculiaridades diferentes de outros países que tiveram escravidão. Essas peculiaridades estão ligadas ao longo período de vigência da escravidão e à independência tardia (1902) em relação a outros países colonizados da América Latina. A raça negra chegou a Cuba quase ao mesmo tempo que o branco. A presença de escravos em Cuba data de 1513, os quais eram trazidos, a princípio, dos lares espanhóis, ou seja, já hispanizados. Os escravos vindos diretamente da África chegam a partir de 1517, vindos de diversas regiões. O último fluxo registrado oficialmente é de 1873. Em meados do século XIX, havia mais negros que brancos em Cuba e as hostilidades foram-se acirrando. Fernando Ortiz considera que a oposição étnica entre brancos e negros foi se aprofundando na medida em que as divisões de classe foram sendo acentuadas.

A constituição da sociedade cubana se organiza a partir do processo de transculturação, segundo o uso que lhe confere Ortiz. O processo de transculturação ocorre entre índios, negros e brancos, além das outras culturas que migram para Cuba. Esse entrelaçamento de diversas formas culturais constituem as várias facetas da identidade

¹ Professora de Literatura Brasileira na Universidade Federal de São João del-Rei
Doutora em Letras- Literatura comparada

cultural cubana. Os negros, entretanto, participaram de forma mais duradoura desse processo de transculturação, devido ao grande número de pessoas e às inserções na economia com o país em formação. Devido às diferentes procedências, os negros utilizaram o espanhol para se comunicarem. A língua espanhola foi elemento de comunicação, apoio e coesão cultural. Nessa troca cultural, o negro se vê despojado de um fator importante para a preservação de sua cultura, uma vez que as línguas originais vão ficando restritas às suas celebrações religiosas. Sob esse aspecto, Fernando Ortiz considera o negro como mais um cubano, sendo esse homem cubano mais um latino-americano, ou, mais precisamente, um latino-africano. As trocas culturais ocorreram, portanto, sob o ponto de vista do processo de transculturação, do qual não se pode apagar os elementos transformados, e as ruínas que sobreviveram sob esse procedimento.

Para José Martí, ideólogo das lutas de independência no século XIX, o negro cubano era considerado mais cubano que negro. Para o autor não havia raças e sim um ideal comum de libertar-se da Espanha. Fato que não se comprovava na prática. Para os crioulos (indivíduos de raça branca nascidos em Cuba) a liberdade se baseava na independência, para os negros a liberdade estava ligada também a sua condição de escravo. Os escravos que participavam nas lutas da independência nem sempre eram ou seriam alforriados. Mesmo após a abolição e a implantação da república, os negros continuaram a lutar por seus plenos direitos civis. O período que se estende entre a república e a Revolução de 1959 é marcado por segregações com relação aos negros.

O mesmo preconceito presente nos Estados Unidos se fazia presente nas elites cubanas; em parte por influência e proximidade da cultura americana, em parte pelo preconceito da sociedade cubana. Na gestação e desenvolvimento da revolução de 59, os negros estiveram presentes por motivos políticos, éticos, culturais e sob certa perspectiva

raciais. Isso porque dentro da sociedade crioula, o negro era cubano, porém segregado em várias situações civis como nos clubes, nas escolas, na sociedade, nas eleições.

O triunfo da Revolução de 1959 marca o início de novos direitos e deveres políticos. Em um primeiro momento o propósito revolucionário é depor o ditador Fulgêncio Batista. Em 1961, a direção revolucionária declara o caráter socialista do movimento, consolidando o Partido Comunista Cubano e estabelecendo as mudanças necessárias para se construir uma nova realidade nacional e cultural. A escola passa a ser o local privilegiado para a divulgação dessas novas diretrizes. A campanha para erradicar o analfabetismo em Cuba, logo após a Revolução, teve como objetivo tirar a população da ignorância, pois, de acordo com seus pressupostos, apenas um povo culto poderia enfrentar os desafios daquela nova constituição nacional. Essa idéia já estava presente nas propostas de José Martí, pois só a educação tornaria o país livre das concepções imperialistas.

Os negros passam a ter livre acesso à educação. Che Guevara faz um discurso na Universidad de Las Villas dizendo que a universidade agora deveria pintar-se de negro, de mulato, de trabalhadores e de camponeses. Do ponto de vista revolucionário, era chegada a vez dos excluídos sociais, sem no entanto ressaltar o crioulo. Fica subentendido que os brancos cubanos nunca estiveram realmente afastados das propostas sociais e culturais, o que ocorria com a Revolução é que politicamente estavam livres da real opressão do imperialismo americano, e se de fato todos eram igualmente cubanos não haveria de ressaltar alguns cubanos e não outros.

A Literatura foi uma forma de integrar o país aos novos projetos comunistas, consolidando a nação. A ficção literária, empregada no projeto de construção nacional, estava centrada no âmbito da singularidade. As ações centradas na identidade vão fazer o caminho de busca das origens e fontes do passado para construir o presente. Cria-se o novo que é lido e projetado a partir do passado. Trata-se da criação de uma fábula identitária. A tradição terá

um valor absoluto na construção dessa identidade literária e cultural do nacionalismo cubano, de tal forma que o passado é utilizado para justificar o presente. José Martí, herói da independência, é tomado como referência para a Revolução de 59. Seu livro *Ideário Pedagógico* segue norteando os programas educacionais do país até hoje.

A produção literária, após a revolução, passa por uma profunda transformação temática tendo em vista a nova função da literatura em um país comunista. A Literatura Infanto-Juvenil é estimulada desde os Círculo Infantis, estendendo-se a outros segmentos da educação escolar. O primeiro livro editado após a Revolução foi *La Edad de Oro*, de José Martí. Esse livro reúne os textos das quatro revistas, com o mesmo nome, escritas pelo autor quando vivia exilado nos Estados Unidos.

José Martí defende em seu texto “Minha raça” a idéia da igualdade entre os homens, não fazendo diferença pela cor da pele. O racismo seria decorrência do radicalismo que se estabelece entre negros e brancos. Cada um deles, negando o direito do outro, estabelecem o preconceito. O autor porém não discute a diferença entre as classes, que se apropriam das diferenças de raça para estigmatizar os negros. A representação do negro, em sua obra para os jovens leitores, entretanto, apresenta ambigüidade. No livro *La muñeca negra*, (separado do livro *La Edad de Oro*) o narrador martiniano trata da preferência da personagem Piedad, menina branca, por sua boneca negra. A atenção e o carinho dispensados pela menina ao brinquedo só se manifestam em segredo. No dia de seu aniversário, a menina ganha uma boneca loira, a qual rejeita, passando todo o dia à espera de ficar a sós com a boneca negra, a qual diz amar, porque todos a rejeitam. Essa indeterminação a respeito dos que rejeitam a boneca não permite verificar se essas pessoas são seus pais ou a sociedade como um todo. Apesar da defesa do negro em seus textos teóricos, Martí não os representa na ficção. Seus personagens são os heróis da História colonial cubana, geralmente crioulos, como também personagens de ficção brancos.

Após José Martí, que escreve no período colonial, a Literatura Infanto-Juvenil cubana só é considerada boa a partir de 1959. O conceito do que seja boa literatura está ligado à apresentação de aspectos temáticos propícios para o desenvolvimento da nova sociedade comunista. A censura a determinados temas não era uma proposta martiniana, mas foi introduzida pelos responsáveis pela nova organização da educação e da produção literária para os jovens. Mirta Aguirre, professora e ensaísta, escreve que os autores capitalistas de livros infantis produzem para determinados interesses, não sendo recomendados e passíveis de abandono e até de perseguição. Ainda de acordo com a autora, a censura deve ser exercida com o intuito de que as novas gerações fiquem expostas apenas às obras que estejam de acordo com o ponto de vista da teoria marxista.

Dentro desses princípios a representação do negro, na Literatura Infanto-Juvenil, busca ressaltar sua posição de escravo, no período colonial, buscando liberdade, lutando por ela quer seja para fugir ao sistema escravocrata, quer seja para lutar junto aos crioulos pela independência de Cuba. Essa representação está relacionada à valorização de todas as lutas pela liberdade realizadas no país. O espírito combativo e a dignidade do povo cubano são temas caros aos revolucionários de 59, sendo dignos, portanto, de aparecer na literatura para os jovens.

A troca cultural com a cultura africana, na Literatura Infanto-juvenil, é processada através da representação no contexto escravocrata. Na Literatura cubana em geral esse tipo de representação do negro voltada apenas para o passado escravocrata não ocorre. Muitos autores fazem aparecer em seus textos personagens negras e mulatas que participam de maneira natural nas tramas, sem procedimentos racistas ou de restrição a sua atuação social na Cuba contemporânea. Na atualidade, esses autores registram o desenvolvimento das trocas culturais ocorridas em vários momentos da história cubana, seja esse período pré ou pós-revolucionário.

A proposta educacional cubana serve como mediadora entre esses momentos de interseção cultural. Para consolidar os valores revolucionários comunistas, os valores libertários dos negros são importantes. Excetuando-se as narrativas de insurreição dos negros, a Literatura Infantil privilegia também a temática religiosa africana, os contos da oralidade, mito e lendas. Esses últimos aspectos, entretanto, fazem parte do chamado folclore e não de um processo atuante de recepção das contribuições africanas numa incorporação pertinente às trocas.

Um outro livro conceituado pelo cânone da Literatura Infanto-Juvenil cubana é *Una cubanita que nació con el siglo*, de Reneé Mendéz Capote. Nesse livro a narradora representa os negros libertos que trabalham em sua casa como empregados, mas sem remuneração. A eles se refere com um discurso ainda eivado pelo ranço escravista, dizendo que a babá era muito boa e “limpa”. A limpeza como uma necessidade para o reconhecimento das qualidades do negro. Como a temática se reporta ao início do século XX, o livro trata de vários aspectos políticos ocorridos em Cuba durante o período da república. Entretanto, o negro não é representado além do espaço da casa, nem do seu contexto de ex-escravo. Não há referência também à segregação que o negro sofria na sociedade republicana.

Um outro exemplo é o livro *Los cuentos de cuando La Habana era chiquita*, de Antonio Orlando Rodríguez, que também se reporta ao período escravocrata e à representação do negro dentro dos mesmos princípios já expostos. O mesmo ocorre com *Ponolani*, de Dora Alonso, uma autora que tem várias publicações para os jovens leitores com temáticas ligadas aos ideais revolucionários, telúricos e nacionalistas.

Esses livros servem apenas como exemplo, considerando-se que todos foram escritos após a revolução de 59 e de como a preocupação em criar um ideário de acordo com a nova sociedade limita, sob muitos aspectos, o desenvolvimento de temáticas livres entre os autores que se dedicam à Literatura Infanto-Juvenil em Cuba. A escola que exerce o papel de

mediador cultural se atém a indicação e ao uso de determinados autores, restringindo a grande variedade de representação da cultura cubana que está presente na literatura como um todo. A “invisibilidade” do negro contemporâneo nos textos destinados aos jovens leitores não faz muito sentido numa sociedade pautada por princípios igualitários. Restringir as representações das trocas culturais apenas ao período da formação cultural de Cuba é apagar de certa forma determinados princípios da própria revolução de 59.

Santiago Castro-Gómez argumenta que o discurso da totalidade e o apagamento das diferenças discursivas pode ter sido o causador de uma pretensão totalizadora dos intelectuais latino-americanos. Estendendo-se essa consideração para Cuba, teríamos a visão de um país que representa uma grande síntese utópica da cultura, enquanto que hoje se concebe a identidade cultural como um processo contínuo de construção. Os princípios revolucionários que passam a organizar a Literatura Infanto-Juvenil em Cuba afastam-se da ampla proposta de transculturação de Fernando Ortiz e, em parte, dos ideais martinianos de que não deveriam existir assuntos proibidos para os jovens leitores. Uma representação literária da variedade da cultura cubana contemporânea para esse público específico seria uma forma de ampliar e até mesmo reafirmar os princípios revolucionários de 59 tão caros para o país.

Essas considerações a respeito da representação do negro são pertinentes, se considerarmos outros grupos sociais que têm sua contribuição para a nação socialista cubana valorizada. No caso da representação social do camponês, na Literatura Infanto-Juvenil, observa-se um tratamento diferente daquele dado ao negro, ambos são trabalhadores, mas apenas um grupo é representado. O camponês tem sua história revista desde a época da colônia até os avanços que lograram com a Revolução de 59. Esse homem também é representado literariamente sob a perspectiva de seu papel social contemporâneo.

Os exemplos aqui levantados são apenas parte de uma verificação mais ampla nos livros da Literatura Infanto-Juvenil cubana, que são utilizados, principalmente pela escola,

para consolidar a nova identidade socialista proposta pela revolução. Se pela nova Constituição todos são iguais independente de raça, seria previsível a representação das diferentes conquistas dessa sociedade, inclusive dos negros. Isso se considerarmos que a escola e os autores de Literatura Infanto-Juvenil são regidos pelos mesmos organismos governamentais que procuram organizar o passado com vistas ao futuro que desejam realizar.

BIBLIOGRAFIA : LITERATURA INFANTO-JUVENIL CUBANA

- ALONSO, Dora. *El valle de la pájara pinta*. 2. ed. La Habana : Gente Nueva, 1992.
- ALONSO, Dora. *Ponolani*. La Habana : Gente Nueva, 1994.
- MARTÍ, José. *La edad de oro*. La Habana :Gente Nueva, 1959.
- CAPOTE, Renée Méndez. *Memorias de una cubanita que nació com el siglo*. La Habana : Unión de escritores y artistas, 1964.
- RODRÍGUEZ, Antonio Orlando. *Cuentos de cuando La Habana era chiquita*. Ciudad de La Habana: UNEAC, 1983.

BIBLIOGRAFIA GERAL

- AGUIRRE, Mirta. Verdad y Fantasías en la literatura para niños. In.: GARCÍA PERS, D.; SALLÉS MERLO, B.; SANTOS DÍAZ, N. *Acerca de la literatura infantil*: Selección de lecturas. La Habana: Libros para la Educación, 1982.
- ALFONSO GONZÁLEZ, Georgina; ICHIKAWA MORIN, Emilio; ROJAS GÓMEZ, Miguel; VALDÉS BERNAL, Sergio. *La polémica sobre la identidad*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1997.
- ALONSO, Dora. Escrever para crianças é duas vezes literatura. *Revista Latino-Americana de Literatura Infantil e Juvenil*, Bogotá, Colômbia, n. 2, p. 42-44, jul./dez. 1995.
- BERNARD L., Jorge; POLLA A., Juan. *Quiénes escriben en Cuba*: responden los narradores. Ciudad de La Habana: Letras Cubanas, 1985.
- BREVE información sobre la educación en Cuba. (Encuentro de educadores por un mundo mejor) – 5 al 9 de febrero de 1990. La Habana: Ministério de Educac ión, 1990.
- CABRERA DELGADO, Luís. *Cuba*: cultura e identidad nacional. La Habana: UNIÓN, 1995.

- CASTRO-GÓMEZ, Santiago. *Crítica de la razón latinoamericana*. Barcelona: Puvill Libros, 1996.
- ELIZAGARAY, Alga Marina. Panorama de la literatura y del libro infantil cubano. *En Julio como en Enero: Boletín sobre Literatura Infantil*, La Habana, n. 3, p. 3-29, 1986.
- _____. *Niños, autores y libros*. Ciudad La Habana: Gente Nueva, 1981.
- FERNÁNDEZ RETAMAR, Roberto. *Calibán y otros ensayos: nuestra américa y el mundo*. Ciudad de La Habana: Editorial Arte y Literatura, 1979.
- FRANCISCO, Dalmir. Comunicação, identidade cultural e racismo. In.: FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). *Brasil afro-brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 119-151.
- GARCÍA PERS, Delfina; SALLÉS MERLO, Beatriz; SANDOS DÍAZ, Norma (Comp.). *Acerca de la literatura infantil: selección de lecturas*. Ciudad La Habana: Ministério da Cultura, 1982.
- HENRIQUEZ UREÑA, Max. *Panorama histórico de la literatura cubana*. 2. ed. La Habana: Edición Revolucionaria, 1967. Tomo I.
- HERNÁNDEZ, Rafael. Nación e identidad. *Temas: Cultura, Ideología, Sociedad*, La Habana, n.1, p. 95-117, Ene./Mar. 1995.
- MARTÍ, José. *Ideario pedagógico*. La Habana: Pueblo y Educación, 1990.
- _____. *Nossa América*. Tradução Maria Angélica de Almeida Trajber. São Paulo: Hucitec, 1983.
- ORTIZ, Fernando. *El pueblo cubano*: La Habana: Ciencias Sociales, 1997.
- _____. *Etnia y sociedad*. Selección, notas y prólogo Isaac Barreal. La Habana: Ciencias Sociales, 1993.
- _____. *La cubanidad*. Selección Norma Soares. La Habana: Unión, 1996.
- PÉREZ, Lisandro. *Cuba: cultura e identidad nacional*. La Habana: UNIÓN, 1995.
- PÉREZ JR., Louis A. Historia, historiografía y estudios cubanos: treinta años después. *Temas: Cultura, Ideología, Sociedad*, La Habana, n. 2, p. 22-35, Abr./Jun. 1995.